



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR - **JOAQUIM CARDOSO**

Edição e administração - Calçada do Centro, 28-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL

Enc. telegr. Lisboa - Lisboa - Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Alfama, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Após um ano

NOTAS & COMENTÁRIOS

PALAVRAS DE OIRO DO PRINCEPE DOS LITERATOS

Escutemos a lição da guerra

A guerra torturou os povos. Fê-los conhecer mais dor que a que eles pareciam capazes de suportar. Talvez seja permitido perguntar hoje se o martírio terá, em não sido sofrido em vão, e quer que tam prodigioso dispêndio de sofrimento sirva pelo menos para alguma coisa.

Certo que os homens sentiram em toda a sua extensão e em todos os seus matizes a dor que sobre eles caiu: mas não a aprofundaram; não a viram tampouco no seu conjunto, isto é, na sua forma, e sob o seu verdadeiro aspecto. Sofreram, mas não se elevaram à causa, mais importante do que a própria dor. Experimentaram-lhe o efeito, mas daí nada concluíram, nada retiraram. Eis porque subsiste essa causa: a ameaça que ela é não cessa, antes se evolui.

Se os homens tivessem compreendido, sabiam todos que a matança universal não é um acidente; é uma consequência lógica do estatuto social. As classificações, que escravizam a lei de poucos o povo inúmero do mundo, mantêm uma ordem iníqua em que as democracias são votadas à morte. É a ignorância das massas que exclusivamente constitui a força desta ordem. As massas nada diso vêem e a sua cegueira leva-as a trabalharem mau grado sei na sua própria destruição.

Semelhante regime teria a certeza de durar até à extinção de toda a humanidade, se alguns homens não tivessem sofrido bastante profundamente e bastante alto para ligar todos os efeitos uns aos outros, todas as causas umas às outras, para ir até ao fundo de toda a dor, para compreender, numa palavra, compreender é grave, importante, difícil.

Alguns homens foram tocados pela graça da verdade e desde este momento consideram as suas forças, os seus talentos e as suas vidas a revelar aos outros homens que a desgraça presente é menos o trágico resultado da guerra do que da organização inteira da Sociedade.

É preciso que esses homens sejam ouvidos. A obra que eles executam não é uma obra de violência: é uma obra de bom senso e de serenidade; e o alvo luminoso que eles visam é o único que nos leva a não desesperar do futuro da humanidade; o único urgente e o único glorioso: o despertar da consciência universal!

Anatole FRANCE.

PELA POLÍTICA

NO PALCO PARLAMENTAR

Um espectáculo esplêndido — Notável desempenho da companhia — A farça-cómica "Para o Zé Trabalhador ver"

A companhia que actualmente trabalha no Teatro de S. Bento e de que são estrelas os líderes dos diferentes cacos em que a pobre República se despedaçou com nove anos apenas de uso, deu-nos ontem um dos melhores espectáculos da presente época.

As primeiras figuras foram admiravelmente nos seus papeis e as restantes houveram-se de forma a não desmanchar o conjunto, antes contribuíram para o esplêndido êxito do desempenho da magnífica farça-cómica, sendo digno de salientar o sr. presidente do ministério, a cujas impagáveis declarações se deve o nos ter sido proporcionado um espectáculo daquela natureza.

Eis, resumidamente, o entrecabo da peça:

1.º ACTO

A ingénua ignorância de um governo impotente para fazer cumprir as leis às classes endinheiradas.

O sr. Costa Júnior chama a atenção do presidente do ministério para o man fabrico do pão, para o aumento de 2 centavos em quilo, no preço do carvão, para a falta e carestia da carne e do peixe e para o desrespeito pelo regulamento da lei das 8 horas. Protesta contra o facto de o governo permitir a importação livre do açúcar em quadros, o qual, pelo seu elevado preço, só pode ser consumido pelos ricos.

O sr. presidente do ministério declara francamente que desconhece que o pão está mal fabricado e que o carvão está mais caro!!!

Quando ao açúcar, confessa que o açúcar existente no país está assombrosamente caro!!! Conta que no dia 23 deste mês haja já no país açúcar que poderá ser vendido a \$50 ou \$55. Quanto às questões da carne e do peixe estão a cargo da câmara municipal. Não há carne porque os Açores não quiseram mandar gado pelo preço por que é lá vendido nem mesmo com 25% de aumento!! Não estando ainda aprovada a proposta de lei que trouxe ao parlamento, permitindo a entrada livre do peixe, a câmara não pôde assucar ao governo a responsabilidade de não haver peixe. Sobre o horário de trabalho repete que sempre que uma reclamação lhe é apresentada, tem mandado as autoridades fazer com que a lei se cumprisse!! O governo não pode proceder senão nos casos de que tem conhecimento!!!

2.º ACTO

O chá em casa de madame S. P. — Uma votação piramidal — Um ministério de paralisados ou ministros-carimbos.

O sr. Augusto Dias da Silva afirma que se fazem preparativos revolucionários em Lisboa e que o governo usa para com os revolucionários de complacências que se não explicam. O que não admira pois até por aí se diz que o chefe do governo...

O sr. Sá Cardoso intima o orador a concluir o que ia a dizer.

O sr. Dias da Silva — Diz-se que v. ex.ª vai tomar chá a casa de uma senhora talassa muito conhecida nos meios políticos, e onde se reúnem vários conspiradores...

Um deputado (malicioso) — Ora! Ora! S. Ex.ª naturalmente também faz a sua conspiraçãozinha...

O sr. Sá Cardoso, um pouco corado e com um sorriso vaidoso a alimentar a dúvida nos espíritos dos que o ouvem: — Mas quem é essa senhora? Vou a casa de tantas!

Há vários apartes bréjeiros, e o sr. Dias da Silva prossegue: Os conspiradores estão de posse do campo entinchado...

O sr. presidente do ministério: É mais útil que v. ex.ª me informe particularmente do que sabe a esse respeito. Assim serei eu só a sabê-lo, e dizendo-o aqui, sabê-lo há toda a gente.

O orador concorda e passa a acusar o governo de ter criado atmosfera propícia a uma revolução pelo seu procedimento. Quere desde já frizar bem, para prevenir atitudes futuras, que é preciso não confundir o movimento de conspiração sidonista com o movimento que se esboça do operariado pelo cumprimento do regulamento das 8 horas.

O sr. Ramada Curto interveio, por várias vezes, durante o discurso do sr. correligionário. — Então são dois? — perguntam.

O sr. Jorge Nunes: — Fala um enquanto o outro toma fôlego!

O sr. Ramada Curto interveio mais uma vez declarando dramaticamente: — Ouça, sr. presidente do ministério. Eu tenho por v. ex.ª e pelos seus colegas de ministério muita consideração pessoal. Mas estou honestamente convencido que os senhores não sabem, não querem, ou não podem arcar com as responsabilidades da hora presente. São um governo de no man's land, de terra de ninguém, sem ideias, sem planos, sem posição política. São onze paralisados. O país, se os sr. continuam no poder, morre em coma desolador e morte.

Eu preferia a um governo — vamos integralista, que restabelecesse os vínculos e as corporações de trabalho, o imposto por classes para resolver os

problemas nacionais. Era alguma coisa. O que aí está não é nada.

Perdão, é um perigo. O que não impede v. ex.ª de ser uma excelente pessoa.

O presidente do ministério respondendo ao sr. Ramada Curto, diz que apesar da vida estar realmente insuportável, está ciente de que não existe atmosfera revolucionária, pelas relações de cordialidade do governo com todos os partidos e todas as classes. Em que actos tem o governo demonstrado pouca energia?

O sr. Júlio Martins: — Contra os assemblaeadores, por exemplo. Cada vez que o governo anuncia que vai tomar providências acerca das subsistências, é sabido que os generos ou encarecem ou desaparecem.

O presidente do ministério: — A vida é certo ter encarecido. Mas se o seu encarecimento se deve à falta de providências, a câmara que vote as medidas que julgue necessárias.

Acusam o governo de perseguir mas há dois meses que não há uma prevenção em Portugal.

Acusado pelo sr. Ramada Curto de nada fazer nem deixar fazer, de não ter um programa, responde que o governo tem trazido ao parlamento medidas de alto interesse ao país e cuja discussão é mais útil do que os debates políticos constantemente aqui levantados.

O sr. Ramada Curto requer a generalização do debate político.

Posto à votação o requerimento, é rejeitado por cinco votos da maioria apenas, tendo os ministros votado também contra.

Olhai Olhai! O governo a dar um voto de confiança a si mesmo!

— É único! O governo a rejeitar que se discute os seus actos. É costume em circunstâncias tais, o governo abandonar a sala.

O sr. Eduardo de Sousa pergunta se depois do resultado da votação realizada, em que com o governo votaram apenas cinco deputados de maioria incluindo nesta os ministros que também votaram, pergunta se amanhã o governo ainda vem a esta casa do parlamento.

Perguntou bem, mas ficou sem resposta porque passou-se imediatamente ao

3.º ACTO

Tumultos na Câmara — O supap em acção — Ressuscita o público do antigo Príncipe Real.

O sr. Jorge Nunes diz que segundo os relatos dos jornais numa conferência realizada ante-ontem foi afirmado que havia parlamentares do partido liberal que estão comprometidos nos escândalos do ministério das subsistências. Para dignidade do parlamento é necessário que essa acusação se esclareça.

O sr. Afonso de Macedo responde que nas declarações que fez em público não fez nenhuma revelação dos trabalhos da comissão de inquérito parlamentar. Apenas citou factos do seu conhecimento. O sr. Jorge Nunes sabe bem que actuais correligionários seus tem responsabilidades nas irregularidades do ministério.

— Diga os nomes! Diga os nomes!

O sr. Afonso de Macedo respondeu que se reserva para declinar os nomes à comissão de inquérito.

O sr. Jorge Nunes: — Eu não acuso nem defendo ninguém neste momento. Mas se o sr. Afonso de Macedo não disser os nomes ficará sendo por ele considerado como um calculador.

Os populares protestam levantando-se grande tumulto na câmara dos deputados, vindo-se o presidente obrigado a interromper a sessão.

As galerias tomando os atores a sério como no antigo teatro do Príncipe Real manifestaram-se com vivas à República e entre os deputados populares e os liberais estiveram iminentes conflitos pessoais.

Na sala das sessões deu-se uma violenta cena de pugilato entre os sr. Afonso de Macedo e Francisco Cruz.

4.º ACTO

O despacho costumado — Era a reinar... — Os amigos reconciliam-se e tudo acaba a bem, como nas comédias alemãs.

Reaberta a sessão, tudo se harmoniza e apazigua com as explicações do sr. Afonso de Macedo de que nenhum dos membros do P. R. L. que fazem parte desta câmara se acham comprometidos nos escândalos do ministério das subsistências.

O sr. Alvaro de Castro lava as mãos da maioria que nada tem com o incidente levantado, e a minoria socialista, alheia também completamente ao incidente que determinou o encerramento da sessão, disse desejar que se esclareça o assunto conforme a vontade expressa pelo sr. Afonso de Macedo.

É propósito da minoria socialista sempre que, o que de resto não deseja nem julga possível, tiver de trazer a esta casa qualquer afirmação diminutiva do carácter de qualquer homem público o fará precisando, acto contínuo, nomes e factos, de forma que o trânsito parlamentar do assunto seja a antecâmara do poder judicial a quem compete conhecer de tais assuntos.

Nesta altura, e muito a propósito, o

Um pedido aos camaradas e aos amigos

Chamamos a atenção do leitor para a 4.ª página do presente número de A Batalha. Será uma prova de interesse pela organização operária e pelo seu órgão na imprensa, o afixá-lo em lugar público, depois de lido o jornal. Para os que tem por hábito colecionar A Batalha, o remédio é simples: comprar mais um exemplar para a coleção...

Se de antemão, obrigadinhos, rapazes!

Segundo Marin, relator duma comissão parlamentar francesa, a guerra sacrificou, até 11 de Novembro de 1918, as seguintes vítimas:

Aliados (total), 3.695.515

Na forma do costume, em matéria de estatísticas, Portugal não é mencionado. Faltam as perdas da Rússia, que são colossais, e as dos impérios centrais igualmente.

A França perdeu em cada 27 habitantes, a Sérvia em cada 32, a Grã-Bretanha em cada 57, a Itália em cada 78, a Bélgica em cada 150, os Estados Unidos em cada 1.000.

Falta a estatística dos feridos, que em França atingiram a cifra de 2.800.000, e das despesas, que montaram no mesmo país assim a uma coisa como cinquenta milhões de contos.

E o sorvedouro ainda não está tapado.

A dívida Segundo Hamon, da Humanité de 29 de Outubro, "cada francês de ambos os sexos, desde a criança recém-nascida até ao velho agonizante, tem uma dívida de seis mil e quinhentos francos".

No Manchester Guardian de 20 de Outubro, M. H. Hodgson mostrava que a dívida de cada homem, mulher, criança, velho britânico se elevava a sete mil francos. Na Alemanha a dívida por cabeça passa de 6.500 francos. Na Itália, é pior.

A guerra arruinou, pois, todos os povos, vencidos ou vencedores.

2.ª Qual será a dívida de cada um de nós, os lusitanos, machos e fêmeas, infantes e anciãos?

Nem tentamos fazer o cálculo, com receio de perder o apetite.

E este então que não é tam preciso para podermos gramar o bacalhau podre!

O bloqueio De Charles Rappoport, no Journal du Peuple:

"Os milhões de milhares e crianças que morrem na Rússia de fome estão longe: ninguém os vê, ninguém lhes ouve os estertores, os gemidos, os gritos de dor."

Tudo se passará como se nada se tivesse passado. Ninguém dirá nada. E viva o bloqueio!

"Com efeito, é um assassinato elegante, sem inútil rumor. Uma ordem pelo telégrafo sem fio, ou pelo telefone, e está decidida a sorte de milhões de não-combatentes. Nem precisa uma pessoa de se mexer do seu gabinete de "trabalho", nem sequer do seu canapé, donde se podem expedir com uma mão milhões de seres humanos para o outro mundo, acariando-se ao mesmo tempo com a outra uma cabeça loura. J. J. Rousseau, querendo pintar o cúmulo da perversidade humana, falava do assassinato por uma mão invisível por meio duma pressão num botão. Esta clássica pressão num botão de Jean-Jacques foi ultrapassada pelo progresso moderno. Assassina-se a distância, por meio da telegrafia sem fio e sem risco para os assassinos glorificados e omnipotentes."

The Daily Herald Começou a visitar-nos este importante diário socialista inglês, cuja tiragem foi de 500.000 exemplares durante a greve ferroviária, e que é normalmente superior a trezentos mil.

No seu número de 1 do corrente, ocupa-se precisamente dum vasto plano de desenvolvimento do Daily Herald e da imprensa operária, de modo a torná-la uma arma aperfeiçoada, adequada às circunstâncias.

Com o concurso dos sindicatos, conselhos operários, partidos socialistas, comissões regionais, delegados de fábrica e simpatizantes, esperam os iniciadores, mediante uma campanha activíssima, obter os fundos necessários para a aquisição de material moderno capaz de fazer face às necessidades duma enorme tiragem, em Londres e Manchester por menos. A tiragem actual, superior a 300.000 exemplares, tem-se mostrado com efeito insuficiente em face da procura.

E se durante a greve subiu muito, foi com o auxílio de Manchester e num esforço supremo, que não poderia prolongar-se, dados os meios existentes.

A nova empresa ficará sob a dependência directa do movimento operário.

O actual director do Daily Herald é Jorge Lansbury, ancião de 70 anos, velho de corpo, mas sempre jovem de coração.

Desjamos completo êxito à iniciativa, concedendo a imprescindível necessidade da imprensa quotidiana operária nesta época.

MADRID, 16. — Dizem de Barcelona que as greves e os lock-out acabaram por completo, e que todos os jornais reapareceram. — H.

A greve dos gráficos parisienses

A imprensa avançada, em número de dez diários, sai com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

diários parisienses saíram com um só jornal chamado "La Feuille Commune".

Como é do conhecimento dos nossos leitores, pois do caso nos ocupamos no nosso serviço telegráfico, os gráficos dos jornais parisienses declararam-se em greve. Em consequência disso, os

Camaradas!

Bastante ganhareis em lêr, de hoje em diante, neste jornal, o seu novo folhetim.

Trata-se duma fantasia comunista da autoria do

JEAN GRAVE

intitulada

TERRA LIVRE

o em que se descreve a vida comunista organizada pela tripulação dum navio de guerra e

por uma leva de operários deportados, que a tempestade arremessara para uma ilha deserta.

Os Trabalhadores Industriais do Mundo

O rejuvenescimento da I. W. W.

O comité executivo, num trabalho recentemente publicado sobre a organização da I. W. W. declara que, a despeito da perseguição selvagem dos agentes da plutocracia, vê dia a dia as suas fileiras engrossarem consideravelmente, tanto nas fábricas e oficinas como nos campos.

Comentando este crescimento, o comité executivo diz: «isto é a prova de que a nossa organização não pode ser destruída. Podemos por agora sofrer reveses, mas os princípios do unionismo industrial são imortais. O mundo trabalhador está agora despertando para a consciência de classe e nós teremos a oportunidade de demonstrar que as uniões industriais poderão tomar conta das indústrias e salvar a civilização, ameaçada pela avarice e corrupção dos grandes proprietários e industriais.»

É sobretudo no noroeste dos Estados Unidos que a I. W. W. se tem desenvolvido numa forma a surpreender ainda os mais optimistas. São os centros, especialmente, na cidade de Seattle, as adesões ás uniões industriais, entrando, neste número uma, grande parte de antigos membros da Federação Americana do Trabalho.

Isto não é para admirar, porque Gompers, cada vez com mais cinismo, se põe, nos conflitos operários, ao lado dos patrões contra os trabalhadores.

Para darmos uma amostra do que aqui dizemos, vamos citar o caso da greve de Bay S. ate, Mass.

Os condutores de carros eléctricos depois de terem protestado, em vão contra a introdução duma nova máquina de uso extremamente difícil e perigosa, tanto para si como para os passageiros, decidiram abandonar o trabalho e pôr-se em greve.

Intervieram imediatamente na questão os *leaders* da Federação Americana do Trabalho, e depois de várias demarches, Mahon, presidente do corpo internacional dos empregados dos carros, saiu-se com um manifesto, da qual vamos transcrever aqui algumas passagens.

«Os empregados dos carros de Bay State tinham feito um contracto no qual se tinham comprometido a recorrer sempre á arbitragem em qualquer questão que se viesse a suscitar. Falaram a isto, e portanto se não obedeceram ás mínimas ordens voltando já ao trabalho, a União Internacional tomará medidas draconianas.»

«O movimento grevista não tem legalidade, e a Companhia não tratará com os operários, quando eles voltarem para os seus trabalhos.»

«Bastante tenho trabalhado por estes dias contra a greve, mas não tem sido prestada atenção aos meus esforços.»

«Uma única resolução pode agora tomar a União Internacional: é expulsar os grevistas do seu seio, a menos que eles não declarem hoje que querem voltar para o trabalho.»

«Antes da greve deviam-se ter dirigido á União Internacional, e se nada conseguissem por este meio recorrerem á arbitragem. Irei hoje conferenciar com um advogado representante da companhia, mas simplesmente como um membro do corpo internacional, que se tem oposto sempre á greve desde o seu principio.»

«Tenho ordenado a todos que voltem para o trabalho, mas se persistem na sua determinação, a União Internacional revogar-lhes há todos os privilégios de associação e fará cessar o presente contracto de salários.»

Aqueles que desejam salvaguardar os benefícios e privilégios, garantidos pela Federação Americana do Trabalho, devem-se submeter sempre perante estas ameaças dos sócios e ajeitar a sua conduta, mas os que tem dignidade e consciência dos seus direitos, não lhes tem ligado importância, e são esses que se dirigem agora corajosamente para o meio dos que lutam nas fileiras da I. W. W.

Como são tratados os organizadores na república de Wilson

Frank Little, membro da I. W. W., em virtude das violências sofridas nas lutas contra o patronato, era quasi paralisado, marchando sobre muletas, mas apesar disso conservava a mesma fé.

sr. Brito Camacho muito ardeiramente mandou para a mesa uma nota de interpegação ao ministro dos negócios estrangeiros sobre uma compra de arroz, em Hespanha, no tempo do dezanove.

E o espectáculo terminou, como no Ginásio, casando a pequena com o rapaz, reconciliando-se os amigos e perdoadando a esposa a infidelidade do marido.

N.º 263 de A BATALHA Folhetim N.º 1

Terra Livre
ROMANCE COMUNISTA
POR
JEAN GRAVE

O céu estava negro e com extensas manchas pardacentas que faziam mais obscura ainda a sombra dos seus contornos; a chuva caía com força e densidade; as ondas elevavam-se furiosas e caíam estrepitosamente; o vento soprava com raiva; o mar oferecia a visão terrível do conflito dos elementos desencadeados.

E sobre essa imensidade em rebeldia, semelhante á uma palha movida pelos remoinhos dum arroio, o navio de guerra *La Aretusa*, aspirado, pôde dizer-se, pela tromba que o continha no seu seio, deslizava, tendendo as ondas e assaltado por elas, avançando em linha recta, arrastado pelo ciclone. Devido a uma avaria, as máquinas immobilisaram-se; tinham tentado izar as velas, mas o furacão levou-as; destruído o leme, toda a manobra era impossível. Para cúmulo da angústia, descobriu-se uma rotura

Contra os senhores gananciosos

União dos Sindicatos Operários

A comissão de estudo pró barateamento da renda de casas, em um relatório de ontem, resolveu agregar á mesma o camarada António Rodrigues Graça, operário tipógrafo sindicalizado, autor do projecto que tem por base a medida linear, para pagamento das mesmas rendas; outro sim resolveu reunir todos os dias para completar os trabalhos inerentes ao movimento.

O povo de Lisboa, reunido em sessão magna a convite da União dos Sindicatos Operários, protesta energicamente não só contra a exorbitância das rendas atuais como contra o aumento que sobre essas rendas, já inexportáveis, os senhores tentam levar a efeito.

Perante algumas centenas de inquilinos que acorreram ao brado lançado no nosso número de ontem, cerca de vinte oradores usaram da palavra, concretizando a revolta de cada inquilino está neste momento possuído contra a ganância desmedida dos senhores que num movimento covarde querem sobrecarregar o povo de Lisboa com mais um aumento, com mais ataque ás suas algibeiras já bastante abaladas com a carestia da vida.

Pelos discursos de eloquentes oradores, que palvra na sala onde o público se comprimira, se viu que o inquilino de Lisboa não está disposto a suportar tal aumento, mas muito pelo contrário, está na intenção de nada mais pagar do que o correspondente ás rendas estipuladas antes da guerra.

Ventilou-se a greve dos senhores que estava já no animo dos inquilinos. E natural, é forçoso, que se faça essa greve, que não necessita de distúrbios pelas ruas nem combates com a policia, basta que os inquilinos tenham a consciência da sua força, e saibam manter com energia essa rara forma de luta — a resistência passiva.

Também o aluguer de quartos e partes de casa, essa exploração tam ou mais revoltante ainda do que o hediondo papel que os senhores estão desempenhando, foi tratado nesta sessão, tendo-se aprovado a moção seguinte:

«Considerando que a ganância dos senhores, apesar de ser muita, tem outra que com ela rivalisa — o aluguer de quartos e partes de casa; considerando que esses novos exploradores estão exercendo um verdadeiro crime;

A assembleia magna, a convite da União dos Sindicatos Operários, resolve:

1.º Não acatar a lei que se pretende pôr em vigor.

2.º Não pagar mais pelo aluguel de cada quarto aos segundos alugadores, custe o que custar.

3.º Apelar para a solidariedade de todos os camaradas para que a greve do inquilinato seja um facto.

A sessão que decorreu agitada e com a presença de muitos camaradas, foi encerrada entre vivas á greve do inquilinato e outros, que mostraram bem o firme propósito em que a população de Lisboa está em não deixar esmagar completamente pelas manobras capitalista que, segundo parece, querem além de a expoliar na alta injustificável dos generos essenciais á vida, elevar de tal maneira os toscos cabecres que o povo habita, que o obrigará, ou a revoltar-se contra todas estas tiranias ou a calar-se e deixar-se explorar até ao último centil.

Veremos nas próximas sessões que se vão realizar e no comício, que julgamos arrastará a população inteira, qual o sistema definitivo de luta que as classes exploradas escolherão contra os seus exploradores.

No final da sessão fez-se uma quete a favor dos jovens sindicalistas presos e do Grupo de Propaganda Social que renderam 14844.

O deslante dum senhorio

Queixou-se á policia a sr.ª D. Maria do Rosário Borges Martins, rua Nova do Outeiro, 21, contra o senhorio Manuel Marques Adriano, de que a despeito sem motivo justificado, e como não quizesse sair da casa, mandou tirar as telhas do telhado e levantou um tapume em volta da porta, não permitindo mesmo a sua entrada em sua casa, apesar do seu contracto de arrendamento estar em dia com o pagamento de sua casa.

Caído por doença

Manuel Pedro, 42 anos, trabalhador, residente na Cascalheira, foi encontrado caído, por doença, na praça de D. Pedro. Conduzido no auto da Cruz Vermelha ao Hospital de S. José, recolheu a enfermaria de S. Sebastião.

deportados para substituírem a tripulação, exgotada, cheia de cansaço, formando-se entre eles grupos de serviço. Mas, apesar de todos os esforços, a água ia aumentando insensivelmente e o navio, cuja perda se adivinhava rapidamente, deslizava debaixo do furacão com uma velocidade espantosa, desamparado, sem direcção, rodeado de ondas ameaçadoras que se elevavam muito alto e caíam com um estrondo atordoador. No entanto, tripulantes e deportados rivalisavam em actividade e zelo. Perante a calma com que os deportados receberam a noticia do perigo que se corria e a prontidão com que se dedicaram ás manobras, o comandante julgou prudente revogar as suas primitivas ordens. As jaulas foram abertas e os deportados que aguardavam a sua vez de ir trabalhar com as bombas, podiam circular de uma jaula para a outra, debaixo da vigilância das sentinelas que, apesar de tudo, se julgaram prudentes conservar.

Os oficiais tinham discutido a conveniência de se construir uma jangada; mas em face da impossibilidade de embarcar nela tanta gente, ainda contados com as lanchas, desistiu-se da ideia. Para não ser engulido pelo abismo, cada qual pensava que era preciso opor-se com todas as suas forças á invasão da água; ou pereceriam todos ou se salvariam todos. O pequeno número de oficiais, mudos e sombrios, fodeava o comandante; a cada momento interrogavam o seu com o olhar, esperando ver uma claridade que permitisse formar um julgo, porque já não havia mais

que uma esperança: ser arrojados contra uma costa onde pudessem encontrar refugio.

E o navio continuava deslizando, como que aspirado pelo meteoro, que o arrastava na sua carreira desenfreada.

A chuva cessara; o vento parecia abrandar.

Comandante — veiu dizer um oficial — o contra-mestre Jeannie anuncia que a água aumentou um centimetro.

— Está bem. Diga-lhe que não comunique a triste noticia aos homens, para que não desanimem. Que se limite a declarar que o nível da água continua a mesma altura e que é necessário redobrar de esforços.

O oficial saiu e deu meia volta. O comandante dirigiu-se aos oficiais que o rodeavam:

— Se ao menos soubessemos onde nos encontramos! Em que direcção nos arrasta a tempestade! Porém a bússola enlouquecida não nos dá indicação que nos sirva. Ignoro aonde vamos. A única coisa que sei é que, desde que rebentou a tempestade, devemos ter feito um trajeto enorme.

Não pôde terminar a frase. De repente perdeu o equilibrio, conseguindo evitar a queda, agarrando-se á passarela, enquanto que os oficiais rolavam todos no solo. Acabava de dar-se um choque violento; o navio, sacudido em todo o seu arcabóite, teve como que uma espécie de estremecimento; depois ficou imóvel, como se uma mão gigantesca o tivesse agarrado. Todos, depor-

THEATRO SÃO LUIZ

HOJE — A celebração

ampliada com o 1.º acto intitulado O RÓCIO e duas novas apoteoses e mais singres, deslumbrante e instructivo espectáculo para o povo

As 8 horas de trabalho

O movimento dos profissionais culinários

Uma comissão delegada da Associação de Classe dos Profissionais Culinários e Artes Correlativas procurou ontem o presidente do ministério para pedir providências contra o facto de alguns proprietários de hotéis e restaurantes não quererem cumprir o regulamento do horário de trabalho. Foi-lhes dito que formulassem a sua representação perante o ministro do trabalho.

— A Associação dos Profissionais Culinários pede-nos a publicação do seguinte comunicado:

«Tendo alguns proprietários de hotéis e restaurantes, reunidos na sua Associação de classe, declarado que o pessoal de cozinha não se acha compreendido nas 8 horas de trabalho, que são concedidas a esse pessoal pelo regulamento do decreto n.º 5516, esta associação protesta contra semelhante afirmação, que nada tem de verdadeira, bem como protesta contra as violências exercidas para com os seus companheiros que foram arbitrariamente presos, injustamente acusados de tentarem praticar distúrbios.

Na Companhia União Fabril

Segundo nos informam, nas fábricas da Companhia União Fabril, onde sistematicamente se humilha e oprime o pessoal operário, não é cumprida a lei que estabelece as 8 horas, trabalhando muitos dos operários 12 horas. Pelo visto, apesar do sr. Alfredo da Silva ter saído do país, a sua influencia continua a fazer-se sentir.

Os cozinheiros e as 8 horas

Não permite a lei que cidadãos estrangeiros façam parte das direcções de associações operárias. Essa prescrição da lei parece que se não estende aos capitalistas, porque nos informamos que o sr. Varella Cid, proprietário dum hotel nesta cidade, é presidente da Associação dos Proprietários de Hotéis e do governo tem reclamado a derrogação da lei das 8 horas. Como se compreende isto? Ao passo que esse senhor faz o que entende e se intrinhece livremente na vida interna do país, faz-se em expulsar do território português os profissionais culinários que se vêem com direito a gozar dos benefícios do encurtamento do horário do trabalho.

Operários que desrespeitam o novo horário

Na obra da rua do Laranjal, á travessa do Espírito Santo, estão trabalhando, fora do novo regulamento, vários operários da Construção Civil, sendo um deles António Elias, que por o julgarmos mais consciente, extranhámos que esteja dando um mau exemplo aos seus camaradas.

Manipuladores de Fósforos

A assembleia reúne hoje, pelas 19 horas, para tratar de assuntos referentes á execução da lei do horário de trabalho.

Confeiteiros e Pasteleiros

Realiza-se hoje uma assembleia magna da classe, para apreciar a attitude dos industriais de confeitarias com respeito ao não cumprimento da lei das 8 horas de trabalho por parte destes e deliberar em última instancia o caminho a seguir.

Operários alfaiates

Esta classe reúne hoje em assembleia magna, pelas 21 horas, a fim de apreciar a forma como os industriais de alfaiataria estão desrespeitando a lei. O sindicato dos alfaiates pede á classe que acorra em massa a essa reunião.

Fiscais que dormem

BRAGA, 15. — Os industriais não querem cumprir o novo regulamento das 8 horas de trabalho. Não querem e não cumprem.

Que fazem os srs. Manuel Joaquim de Paiva e Idílio Belo, fiscaes nomeados pelo governo para fazer cumprir a lei? Por que esperam? Por algum presente que os industriais lhes prometam?

Talvez, talvez esperem por algum presente... — C.

Saudando A BATALHA

SETUBAL, 17 — Os delegados das associações de classe de Setúbal, reunidos na sede da Associação da Construção Civil, saudam *A Batalha*, porta-voz da organização operária e defensora acérrima da organização sindicalista.

que uma esperança: ser arrojados contra uma costa onde pudessem encontrar refugio.

E o navio continuava deslizando, como que aspirado pelo meteoro, que o arrastava na sua carreira desenfreada.

A chuva cessara; o vento parecia abrandar.

Comandante — veiu dizer um oficial — o contra-mestre Jeannie anuncia que a água aumentou um centimetro.

— Está bem. Diga-lhe que não comunique a triste noticia aos homens, para que não desanimem. Que se limite a declarar que o nível da água continua a mesma altura e que é necessário redobrar de esforços.

O oficial saiu e deu meia volta. O comandante dirigiu-se aos oficiais que o rodeavam:

— Se ao menos soubessemos onde nos encontramos! Em que direcção nos arrasta a tempestade! Porém a bússola enlouquecida não nos dá indicação que nos sirva. Ignoro aonde vamos. A única coisa que sei é que, desde que rebentou a tempestade, devemos ter feito um trajeto enorme.

Não pôde terminar a frase. De repente perdeu o equilibrio, conseguindo evitar a queda, agarrando-se á passarela, enquanto que os oficiais rolavam todos no solo. Acabava de dar-se um choque violento; o navio, sacudido em todo o seu arcabóite, teve como que uma espécie de estremecimento; depois ficou imóvel, como se uma mão gigantesca o tivesse agarrado. Todos, depor-

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — Aproveitou o regulamento do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa. Foi lido e aprovado o relatório da comissão de inquérito, nomeada em Coimbra, no Congresso Nacional Operário, aos actos do camarada Manuel Soares, sendo nomeada uma comissão para continuar na inquirição de provas que possam fazer luz sobre as acusações existentes.

Foi resolvido que dois delegados vão em breves dias a Alcaide do Sal tratar da fundação duma Secção a fim de se organizar os operários que trabalham na construção da linha, em número superior a 600.

Por comunicação dali recebida, sabe-se que o administrador prendeu os operários que tinham sido despedidos da construção da linha, por quererem respeitar o horário e por andarem a tratar de arranjar uma casa para o funcionamento da Secção, ameaçando-os de que quando tal quizessem fazer os correria a pontapé e a bofetada!

Mais disse que se lá apparecesse algum delegado da Federação, que só sairia de lá com as pernas e as costelas partidas! Esta Federação vai officiar a tal cavalheiro, e ao ministério do interior, perguntando se Alcaide do Sal é algum sobrado e não república portuguesa e se em face da lei se não podem ali fundar associações de classe.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil. — A comissão pró defeza dos prezos desta industria, deve comparecer no gabinete da Federação hoje, ás 20 horas.

Comissão Inter-Sindical. — A comissão administrativa reúne hoje, pelas 20 horas, para assuntos urgentes.

Cateiros do Porto de Lisboa. — A assembleia geral extraordinária reúne hoje pelas 18 horas.

Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais. — Para a reunião que hoje se efectua, foram convidados os delegados por meio de officios directos, e as classes que não receberam a tempo os avisos ficam convidadas a comparecer por este meio.

Operários do Município. — Realiza-se hoje, pelas 20 horas, na sede deste sindicato, uma assembleia geral, para se tratar de assuntos muito importantes, entre os quais se salienta a reclamação feita á câmara sobre aumento de salário, etc.

Canteiros e polidores de mármore. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, para apreciar os estatutos do Sindicato Unico e tratar de diversos assuntos de interesse.

União dos operários do Município. — Reúne hoje ás 19 horas.

Estudadores e Decoradores. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão da bandeira, para resolver as contas que serão presentes na proxima assembleia geral.

Pessoal da Carris de Ferro. — Reúne esta classe hoje em assembleia magna, pelas 20 horas, para apreciar as demarches da comissão de melhoramentos e apreciar um officio das camaradas ferroviárias e tratar de assuntos de grande interesse colectivo.

Pedreiros. — A assembleia geral reúne hoje pelas 20 horas, para apreciar o balancete do ultimo trimestre.

Deve também comparecer o camarada José Antunes nesta assembleia para dar contas á mesma do relatório de inquérito á obra da Morgue.

— São convidados todos os sócios que se encontrem sem trabalho, a comparecer na sede hoje pelas 20 horas.

Inscritos Marítimos. — A assembleia geral reúne hoje a fim de ser apreciada a tabela de salários apresentada pela Direcção dos Transportes Marítimos e tomar resoluções sobre o caminho a seguir em face da mesma.

Sindicato da Industria Mobilíaria

Voltou ontem a reunir a comissão organizadora, aprovando o parecer que ha de ser votado nas especialidades, aprovando também as bases do Cofre de Solidariedade, que mereceu um aturado estudo desta comissão, por ser muito complexa a missão a desenvolver por elle.

Hoje realisa-se na Secção da Construção Civil do Alto do Pina, á Rua Barão Sabrosa, uma sessão de propaganda pró-organização deste sindicato, a segunda da série que a comissão organizadora tenciona levar a effecto.

Essa sessão inicia-se ás 20 horas, pedindo-se a comparencia do operariado da industria em geral e em especial do que reside naquela localidade, para a comissão expor os trabalhos realizados e as vantagens do Sindicato Unico.

tados, marinheiros e soldados foram projectados uns contra outros e rodaram pelo solo; olharam-se ansiosos, ignorando o que occorria.

— Certamente que enalhamos sobre algum recife — murmurou o comandante quando recobrou a serenidade. — (Se ao menos estivessemos proximos de terra! Veja o senhor se descobre o que ocorre, disse, dirigindo-se ao immediato e dedicando-se a examinar com redobrada ansiedade o horizonte.

Umas nuvens negras obscureciam ainda a parte da atmosfera que ficava atraz dos naufragos; porém, lá frente, lá ao longe, via-se resplandecer o mar debaixo do céu azul. Cessara o vento; as ondas eram cada vez menos altas; a tempestade tocava o seu fim.

— Meu comandante, a água diminui no porão — veiu dizer um official que viajava o trabalho das bombas.

— (Perfeitamente — disse o comandante, alegremente surprehendido. — Que se distribua vinho aos homens e que redobrem de energia.

— O navio está colhido entre duas rochas — disse o immediato, que esperava que o official se retirasse, para fazer a sua comunicação.

— Poder-se ha pô-lo a flutuar? — interrogou o comandante.

O immediato fez um gesto de duvida. — Só isso nos faltava — disse o comandante — Felizmente, agora que as bombas vencem a água, podemos occupar-nos do salvamento. (Se não estivessemos longe de terra! — E interrogou o horizonte.

As nuvens deslizavam deixando a des-

coBERTO a formosa luz do dia; porém, quando a vista podia estender-se, via-se o mar tranquilo, sereno e brilhante em toda a sua extensão, sem mais limites que o horizonte. O comandante rondava-o, mas por todos os lados só via brilhar as ondas debaixo dos raios do sol, que se ostentava resplandecente. Não pôde evitar um gesto de desalento e voltou-se para a outra parte do horizonte, obscurecida pelas nuvens que se afastavam e cuja sombra se projectava sobre as ondas.

— Terra! — exclamou de repente o vigia, que permaneceu no seu posto.

Com effeito, a alguma distancia do barco, as nuvens que a cubriam iam-se dissipando e surgia uma linha parda, debaixo do céu azul. Cessara o vento; as ondas eram cada vez menos altas; a tempestade tocava o seu fim.

— Meu comandante, a água diminui no porão — veiu dizer um official que viajava o trabalho das bombas.

— (Perfeitamente — disse o comandante, alegremente surprehendido. — Que se distribua vinho aos homens e que redobrem de energia.

— O navio está colhido entre duas rochas — disse o immediato, que esperava que o official se retirasse, para fazer a sua comunicação.

— Poder-se ha pô-lo a flutuar? — interrogou o comandante.

O immediato fez um gesto de duvida. — Só isso nos faltava — disse o comandante — Felizmente, agora que as bombas vencem a água, podemos occupar-nos do salvamento. (Se não estivessemos longe de terra! — E interrogou o horizonte.

As nuvens deslizavam deixando a des-

ULTIMAS NOTICIAS

A CONVULSÃO SOCIAL

Denikine ordena a evacuação de Kieff, cercada pelos bolxevistas

BASEIA, 16. — O «Lokal Anzeiger» diz saber que Denikine ordenou a evacuação de Kieff, onde a situação é insustentável, ferroviárias. — RÁDIO.

Negociações entre os aliados e os Sovietes para a troca de prisioneiros

CARNARVON, 15. — O Ministério dos Negocios Extranheiros annuncia que o sr. James D'Grady, membro do parlamento, sairá hoje para Copenhague com o fim de entabolar negociações com o sr. Lyvino, que representa o Governo dos Sovietes na Rússia sobre a troca de prisioneiros militares e civis de guerra.

A propaganda bolxevista na Filândia e na Escandinávia

STOCOLMO, 16. — Por unanimidade, decidiu o Soviete de Petrogrado organizar metódicamente a agitação bolxevista na Filândia e nos países escandinavos, pois que os bolxevistas creem que estes países são terreno favorável ao movimento comunista. Duzentos agitadores saíram para a Filândia e Escandinávia e converteram á causa bolxevista mais de 10.000 pessoas. — RÁDIO.

O governo dos Estados Unidos tenta ludibriar Trótsky

BASEIA, 16. — A «Gazeta de Colômbia» diz saber que o governo americano pediu a Trótsky que lhe comunicasse se agora, que desapareceu todo o perigo immediato para Petrogrado e se tem

Um pequeno êxito dos siberianos

PARIS, 16. (T. S. F.). — Na direcção de Ialoutovak, ao norte do caminho de ferro, as tropas anti-bolxevistas da Sibéria occuparam posições ao longo das ribeiras de Balakik e Faresoule. Depois de encarniçados combates atravessaram a ribeira de Ichene e estabeleceram-se na margem leste. — RÁDIO.

Na Roménia

O resultado das eleições

BUCAREST, 15. — Conhecem-se alguns resultados das eleições realizadas no antigo Reino da Roménia.

Triunfaram os nacionalistas liberais de Bratiano, 8 liberais dissidentes, 55 do partido agrário, 18 nacionalistas, 6 da Liga do Povo, partidários de Averesco, um conservador democrata de Janosko, 15 conservadores de Marghiloman, 10 independentes, 5 socialistas, um representante do partido operário e três do partido democrático.

Na Transilvania foram eleitos 16 deputados do partido nacional, que acudiram Maniu, cinco húngaros, cinco ucranos, dois camponeses e dois saaxes. Desconhecem-se os resultados das eleições na Bessarábia. — RÁDIO.

Abaram as guerras...

mas o senado «yankee» autorisa o governo a aumentar o armamento

WASHINGTON, 16. (T. S. F.). — O Senado aprovou a reserva dando aos Estados Unidos o direito de aumentar o seu armamento, desde que se vejam ameaçados duma invasão ou duma guerra.

Aprovou, igualmente, por 63 votos 41, a reserva que dá aos Estados Unidos o direito de autorizar as relações comerciais com os comerciantes do Estado e não fazendo parte da Sociedade das Nações, ou dela excluídos, sempre que estes commerciantes não habitem no seu país natal.

Enfim, a reserva estipulando que nenhuma clausula do Tratado poderá restringir os direitos dos cidadãos americanos, ou opôr-se a estes direitos, foi aprovada por 52 votos contra 41.

O Senado adiou, em seguida as suas sessões para segunda-feira. — RÁDIO.

POINCARÉ

reitor da Universidade de Glasgow

Ao proletariado português

Pela jornada legal de trabalho reduzida ao máximo de 8 horas!

A redução do horário de trabalho é condição indispensável ao êxito de toda a tentativa de melhoramento e de emancipação.

Desde 1866, isto é, há 53 anos, que as classes trabalhadoras de todo o mundo têm vindo lutando pelo limite do trabalho a 8 horas por dia. Essa luta tem custado, em todos os países, inclusivé em Portugal, muito esforço, muito sacrifício, muito sangue, muita lágrima e muita dor á grande família proletária.

Vergando á pressão da opinião proletária, e para, de certo modo, amortecer o espírito revolucionário que, após a guerra, tomou extraordinário incremento ameaçando a estabilidade do regime capitalista,—em todos os países os Estados deliberaram legalisar, e generalisar tornando-a lei, a conquista por muitas classes efectuada já, da jornada de 8 horas.

O governo português, imitando aqueles outros estados, também decretou a lei das 8 horas, e, após mil transigências indecorosas com a classe capitalista, poz em vigor um regulamento a essa lei em que aquele principio é falseado, sofismado e traído descaradamente.

A classe patronal, porém, recusa-se, assim mesmo, a cumprir esse regulamento, e o Estado julga-se impotente para fazer respeitar a lei pela classe burguesa. Mas o capitalismo rebelde quere mais: quere que o regulamento seja alterado, modificado em ordem a estabelecer as 8 horas como dia normal, permitindo as horas extraordinárias ou suplementares que o patronato muito bem queira impôr aos seus assalariados, que, assim, passariam a trabalhar, como até aqui, dez e doze horas por dia.

Ora é contra esta pretensão que os trabalhadores se devem levantar como um só homem, fazendo ouvir o seu formidável e energico protesto até ás regiões governativas e legislativas.

Trabalhadores! Por nosso interesse próprio e imediato, pela saude dos nossos filhos, que temos a obrigação de zelar e defender, pelo respeito á memória daquêles milhares de camaradas nossos que sucumbiram na luta, através anos, pela reivindicação das 8 horas, e ainda pela dignidade da classe trabalhadora, não devemos nem podemos consentir que nos seja retirada uma regalia que forçámos o Estado a sancionar e a tornar extensiva áquelas classes que, pela sua própria acção, não lograram conquistá-la.

Por isso A BATALHA, como órgão do proletariado português, exorta-vos a que façais cumprir nas vossas fábricas, oficinas e escritórios o regulamento, em vigôr, das 8 horas, e incita-vos a participar á C. G. T. e ás autoridades da vossa localidade os casos de desrespeito á lei para que elas a façam cumprir, como é seu estricto dever. E se dentro de 24 horas as autoridades não meterem na ordem os industriais prevaricadores, os patrões rebeldes, os desrespeitadores da lei do Estado. fazei, por vós mesmos, por que a lei se cumpra.

O proletariado não deve permitir que o regulamento sofra modificações enquanto o mesmo não tôr respeitado pela classe patronal de todo o país, não se recusando, mas só depois de posto insofismavelmente em execução, a colaborar nas retificações que julgar necessárias ao seu aperteiamento.

Operários,

intelectuais,

burguêses!

Lêde A BATALHA

*** * Diário sindicalista * ***

Orgão da C. G. T. Portuguesa

Os outros dizem tudo
A BATALHA diz o resto
E é ainda A BATALHA
que têm mais para dizer

Depois de lido o jornal, afixai esta página em lugar público